

DESFILE

**OS PRIMEIROS
LANÇAMENTOS
DA MODA PARA A
PRIMAVERA E
O VERÃO**

**60 PÁGINAS
COLORIDAS
COM MODELOS
PARA TODAS
AS IDADES,
ACESSÓRIOS E
UM NOVO ESTILO
PARA A
SENHORA DESFILE**

**LINDOS VESTIDOS
PARA AS NOIVAS
DE SETEMBRO**

pg. 176

**SERVIÇOS
TUDO SOBRE
HIDRATAÇÃO
DA PELE**

**COMO ESCOLHER
UM BOM
GINECOLOGISTA**

**DEFENDA SUA CASA
DOS LADRÕES**

**CADERNO DE DECORAÇÃO
CRIE CONFORTO E BELEZA
APROVEITANDO
TODO O ESPAÇO DE SUA CASA**

**CULINÁRIA DELICIOSA
ENROLADINHOS DE CARNE,
POLENTAS INCRÍVEIS,
FONDUES ECONÔMICAS
E MARAVILHOSAS SOBREMESAS
PREPARADAS COM MORANGOS**

N.º 96/Setembro de 1977/Cr\$ 25,00/Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima (via aérea) Cr\$ 33,00/Em Portugal Esc. 80\$00

MIÚCHA QUER VENCER SEM CHICO, NEM JOÃO

O casal Sérgio e Amélia teve sete filhos. Quatro revelaram desde pequenos grande vocação musical. Anos mais tarde até a caçula iria aderir, apaixonando-se pela música. Mas o pai — escritor e historiador — queria mais para sua prole que a chamada vida de artista. E, diga-se de passagem, fez o que pôde para vê-los no rumo certo de suas expectativas.

Rádio, vitrola e televisão eram vetados ao máximo para as crianças e o primeiro violão só entrou em casa quando já não dava mais para segurar. Apesar destes contratempos, no entanto, o teatrinho funcionava a pleno vapor no fundo do quintal e havia o conjunto musical afinando em todos os gêneros. Colher-de-chá? Só quando Caymmi, Vinícius ou Paulo Vanzolini apareciam. Então (oh, momentos intensamente curtidos) ficavam todos liberados da hora de dormir, para se deliciarem com a boa música dos velhos amigos.

No final da adolescência, a bossa nova fervilhava com sua batida muito especial. E os pais iam compreendendo, ainda que de forma homeopática, a nova realidade: os filhos haviam crescido e, além de cantar, alguns também compunham. Um, especialmente, com raro talento. Estavam impregnados demais pela música para darem certo em qualquer outro ofício. Ainda assim tentou-se uma espécie de golpe de estado, mas era tarde demais.

Essa história já foi contada e recontada muitas vezes. Só que não há como fugir. Miúcha, Cristina (que também canta e compõe) e o irmão mais famoso, Chico, partiram do mesmo ponto: o clã dos Buarque de Holanda, o coral doméstico e o teatrinho no fundo do quintal. A partir daí, cada um deles tem nova história para contar.

"GRAVAR UM DISCO? HELOÍSA, MINHA FILHA, ISTO NEM MERECE RESPOSTA"

"Meu pai assinou embaixo e, em 1963, bossa nova imperando, lá fui eu estudar História da Arte em Paris. Levava uma boa bagagem cultural mas, em termos de vida, saí daqui perfeitamente idiota, não sabia nada. É verdade que um ano depois já não conhecia mais o caminho da Sorbonne ou do Louvre. Tinha decidido outra coisa. Partii com Dudu do Banjo para a Grécia. Não tínhamos nada programado, contrato ou convites. Cantávamos em restaurantes ou na rua mesmo, naquela de depois passar o pratinho. Saltimbancos de verdade.

Tempos difíceis aqueles! Com o magro dinheiro arrecadado, continuamos viajando. O ponto final foi a Suíça, onde aliás fizemos um show. Por esta altura, minha decisão estava solidificada. Queria cantar e estava disposta a lutar com unhas e dentes para fazer as coisas que acreditava. Na volta a Paris, era preciso arranjar novo trabalho. Bati na porta do La Candelaria, boate latina na qual cantava uma amiga, Violeta Parra.

Foi exatamente lá que surgiu na minha vida o homem que iria apurar o meu ofício de cantar: João Gilberto. Um ano depois, nos casamos em Nova Iorque. Eu, de véu, grinalda e tudo mais. Resolvi contemporizar com a ala ortodoxa da família e fizemos tudo bonitinho, como manda o figurino. João se divorciou da Astrud, comprei um vestido de noiva, vovó mandou o véu e nosso casamento foi assistido por umas cinco ou seis pessoas.

É fácil imaginar o que representou para mim viver 10

As gravadoras sempre insistiram para que usasse seus sobrenomes famosos. Mas ela achava uma espécie de covardia alguém vencer na música popular brasileira chamando-se Heloísa Buarque de Holanda Gilberto. Optou então pelo apelido familiar Miúcha (mistura de miúda e gorducha) e resolveu partir para o trabalho e o sucesso por conta própria.

anos com João Gilberto. Resumindo, só se fosse surda não aprenderia música com ele. E juntos sonhamos um disco, o melhor do mundo. Nasceu Bebel, nossa filha, viajamos por toda a parte, mas ainda assim eu insistia no meu trabalho: cantei no Festival de Newport (junto com a Bebel), fiz shows em teatros e boates dos Estados Unidos. Surgiu também a tão sonhada oportunidade de um disco. Não era aquele com que sonhávamos, mas de qualquer modo achei que seria positivo em termos de dinheiro e de uma certa divulgação. Afinal, estaria ao lado de Stan Getz e João Gilberto. Só que na hora H surgiu um imprevisto. Na capa do elepê, Mônica Cristina, mulher do Getz, ficou com todo o meu trabalho. Estou estudando com um advogado a possibilidade de um processo por causa disso.

Em família, comportava-me como a clássica esposa de marido baiano. João é um grande temperamental, um sujeito terrivelmente preguiçoso e fechado. De vez em quando, resolvia gravar e aí passávamos uns seis meses despreocupados, ricos. Os dois ou três anos seguintes, ele passava diante de uma televisão sem som. Não recebia nem visitava ninguém. Passava o tempo todo de violão em punho, tocando, cantando e compondo.

Eu fazia o maior esforço para me desincumbir dos dois papéis. O da supermãe, esposa-padrão durante o dia e o da artista nas noites em que trabalhava ou reuníamos um grupo em casa para fazer música. Só que, às sete da manhã seguinte, ele, como convém aos gênios, dormia placidamente, enquanto para mim era hora de recomençar com era hora de recomençar com fraldas e mamadeiras.

Acabou-se o casal e ficaram dois amigos. João me



MIÚCHA QUER VENCER SEM CHICO, NEM JOÃO

chamou para trabalhar lá em julho e vive anunciando sua vinda ao Brasil. Acontece que nunca vem, diz que gosta de se sentir em Nova Iorque. Eu já não agüentava mais, depois de treze anos fora. Vim para ficar. Estou morando com a Bebel numa cobertura de pobre, lá em Ipanema. Feliz da vida, trabalhando até 17 horas por dia. Acho que cheguei o meu momento e não posso me dar ao luxo de perder oportunidades."

A PERGUNTA É INEVITÁVEL: "VOCÊ TAMBÉM COMPOE?"

Voltar simbolizava o reencontro com muitas coisas boas que deixara tantos anos atrás. Mas, por outro lado, era preciso encarar um mercado de trabalho bastante escasso e difícil. "E com um detalhe interessante," diz Miúcha, "sabe como é, irmã do Chico Buarque e ex-mulher do João Gilberto, surgem logo as inevitáveis comparações e a idéia (nem um pouquinho verdadeira, por sinal) de que não devo estar precisando tanto assim daquele trabalho, daquele dinheiro. Preciso e muito me manter e manter minha filha, além do que minha realização profissional é algo que conta muitíssimo para mim. De quebra, faziam sempre a clássica pergunta: você também compõe?"

E por falar nisso... A resposta veio acompanhada de um grande sorriso. "Não podia escapar, não é? Em 1960, Sérgio Ricardo gravou uma música minha com letra de Carlos Queirós Teles que se chamava *Dorme, Dorme Menininha*. Meu nome na capa aparecia como Heloísa Buarque de Olinda, num pequeno engano."

Hoje, ela não tem pretensões a compositora ou instrumentista, apesar de estar estudando violão com o maior entusiasmo. Quer é cantar. Não naquele esquema de obede-



cer a uma partitura, mas de uma forma muito solta e livre, que é o caminho certo para a colocação de sua voz frágil, suave e extremamente melodiosa.

Depois da volta, apareceu muita coisa para fazer, embora nenhuma até agora fosse a tão esperada oportunidade de cantar o que gosta e mostrar o que sabe. "Aqui no Brasil, vivi de *jingles*, de tentativas frustradas, de entrar em corais, tudo isso sabendo do meu relativo potencial." Gravou um compacto duplo "mais por ser irmã do Chico do que por vontade dos caras", fez vocais num disco de Tom Jobim e um *show* com Rosinha de Valença. Participou dos corais que acompanhavam Chico nos espetáculos do Canecão e da TV Bandeirantes. Gravou também com o irmão e com Milton Nascimento.

Até que no ano passado, Chico teve que viajar e entregou a ela o papel simpático da galinha e a tarefa de organizar as crianças para a gravação de *Os Saltimbancos*. O disco esgotou, foi elogiadíssimo. O trabalho de Miúcha também e a gravadora acabou desconfiando de que

precisava de uma cantora como ela, com aquele estilo. A voz suave e melodiosa de Miúcha emprestava uma vida enorme aos versinhos que Chico adaptara.

Esses mesmo versos ela continua cantando no espetáculo do Canecão, onde além do papel da galinha lhe coube ensaiar as crianças. "A missão — ela conta com o maior entusiasmo — foi fácil de cumprir. As crianças no caso são a minha filha, as duas do Chico, a filha da Bety Faria, as duas do diretor Antônio Pedro e por aí vai. Todas muito familiarizadas com a história, filhas de artistas e doidas para pisarem também num palco. Na cena da gata, por exemplo, foi duro encontrar as que quisessem fazer os gatinhos. Ninguém queria perder a chance de aparecer de boa, peruca e tudo mais. Estrelas, vedetes, a criançada está delirando".

**TOM: "MIÚCHA
É UM BICHO QUE EU
NÃO CONHEÇO.
NÃO SEI QUAL É"**

Depois foi a vez do LP com o Tom, que, mesmo antes de ser lançado aqui, já era exportado para a França e o Japão. Os três meses de ensaios foram uma deliciosa convivência. Iam descobrindo as músicas juntos, devagarinho. E acabaram entrando no disco algumas como *Saia do Meu Caminho* de Custódio Mesquita, *A Batucada da Vida* de Ari Barroso, *Tiro Cruzado* de Nelsinho Ângelo, o famoso *Samba do Avião*, com uma introdução inédita de Dorival Caymmi e o *Vai Levando* (tema de abertura da novela global das 8), cujos versos foram devidamente recriados pelos dois, numa gostosa brincadeira.

Da primeira vez que gravava com Tom trazia recordações um tanto penosas. Era algo mais ou menos assim: o grande maestro sentado ao piano e ela perdida diante daquele mito, não conseguindo colocar a voz, esquecendo as letras. Entrava em pane total. Desta vez foi tudo diferente, relaxado, ótimo. Chico também participou cantando *Maninha* e duas outras músicas.

Tom Jobim fala sobre a experiência comum: "Eu pensava que a Miúcha era a irmã do Chico Buarque. Ela é uma craque, canta muito bem, Miúcha não se parece com nada. Talvez com um bicho que eu não conheça, não sei qual é." E o produtor do disco, Aloísio de Oliveira, concorda: "Não, ela não é uma cantora de excepcionais recursos vocais, coisa aliás meio chata. É uma cantora com um timbre muito bonito e personalíssimo."

Agora em setembro Miúcha tem um encontro marcado com dois velhos amigos: Vinícius e Tom. Toquinho também entra no *show* que os quatro vão fazer. Falando em sucesso ela responde com firmeza. "Se afinal estou fazendo sucesso, acho muito justo. Tenho trabalhado todos estes anos e sempre lutei para não abrir mão de cantar, de fazer o que gosto e acredito."